



Eduardo Nahum*

Olhar além de seus limites e de seus próprios recursos

©Jeka84/PhotoXpress

Após conversar com um senhor simpático que ajudei a atravessar a rua, percebi que “enxergar” vai muito além do sentido de visão que conhecemos. Vai além dos conceitos, das normas pré-estabelecidas, do que conhecemos e das imagens que formamos em nossos pensamentos e conjecturas.

Senti-me presunçoso pelo simples fato de possuir mecanismos biológicos que me possibilitam construir imagens e, a partir delas, gerar conceitos e atitudes. Compreendi que o “enxergar” transcende qualquer norma ou conceito social. Enxergar é olhar além daquilo que se projeta à minha frente, que se manifesta em minha retina, é olhar o outro, o presumivelmente considerado. Senti-me até mesmo um pouco desfocado.

E olhando aquele senhor, sentado no banco, à espera de sua condução, me percebi capaz de mudar, de me transformar e, principalmente, de ser feliz, avaliando minhas limitações, como limitados somos todos nós, de algum jeito, mas me sentindo capaz de saltar no despenhadeiro e romper com as barreiras de tudo aquilo que considero como restrição.

Quando digo saltar no despenhadeiro, não me refiro a loucuras ou devaneios (se bem que, às vezes, um pouco de insanidade não faz mal a ninguém), mas ao impulso que temos de partir em novas direções, de alcançar o que se considere impossível, após minuciosa avaliação.

Estamos muitas vezes tão enraizados em certo comportamento e em atitudes conhecidas que se torna difícil concretizar pensamentos que nos levem a sair de um círculo vicioso e limitado. Mas o desconhecido está lá e nos espera. O novo, o diferente. Apenas aguardando pelo nosso momento encorajador, pela nossa tomada de consciência, pela nossa vontade de não sucumbir e pela crença em nós mesmos.

Os limites são assim: barreiras que se projetam à nossa frente e que muitas vezes nos atrapalham e demarcam a nossa visão. Manifestam-se como empecilhos. Contudo, caberá a cada um de nós reconhecer e acreditar que depois de um contorno existe um outro espaço. Até porque, nada limita o homem, a não ser ele mesmo.

Se observarmos as estrelas, constatamos que nossos olhos alcançam uma imensidão; mas sabemos que outros tantos astros brilham em lugares distantes, que hoje são impossíveis de serem alcançados, mas amanhã talvez já não o sejam.

Um infinito se desenha à nossa frente e jamais será tarde para que tentemos alcançá-lo. Falando assim parece absurdo ou tolamente infantil, mas lembremos que grandes invenções partiram, um dia, de alguma ideia ou comentário considerados, talvez, como

um contrassenso, ainda que objetivassem um retorno positivo à sociedade, o bem da coletividade.

E por que não? Se somos seres sociais, vivemos em cidades que nos colocam próximos de diversas pessoas. Moramos em condomínios, prédios e casas rodeados de vizinhos. Nascermos em uma família, constituímos outras, portanto estamos sempre acompanhados. Gerar algo novo no mundo que favoreça também o outro, desvinculando-nos de uma mentalidade individualista, egoísta. Pensar no bem da humanidade e desejar melhoria na qualidade de vida. Por que não?

O Planeta, essa grande esfera azul, nossa morada, nossa possibilidade de vida e de procriação necessita também sobreviver. Portanto, gerar condições para isso possibilitará condições de mantermos nossa própria sobrevivência.

Tenhamos sempre em mente o semelhante, aquele que trabalha em nossa casa ou varre nossas ruas. Aquele que administra nossas instituições, escolas e repartições. Aquele que ensina, que pesquisa, que digita e corrige. Aquele outro que cozinha, racionaliza, pinta e constrói.

Somos parte de um todo. Somos seres pensantes, atuantes, transeuntes, atores, artífices e construtores de uma grande história universal. Caberá a cada um de nós procurar e encontrar seu papel na grande roda da vida inserida na totalidade. ■

*Mestre em Educação e palestrante motivacional

dudu@maiseninodigital.com.br

